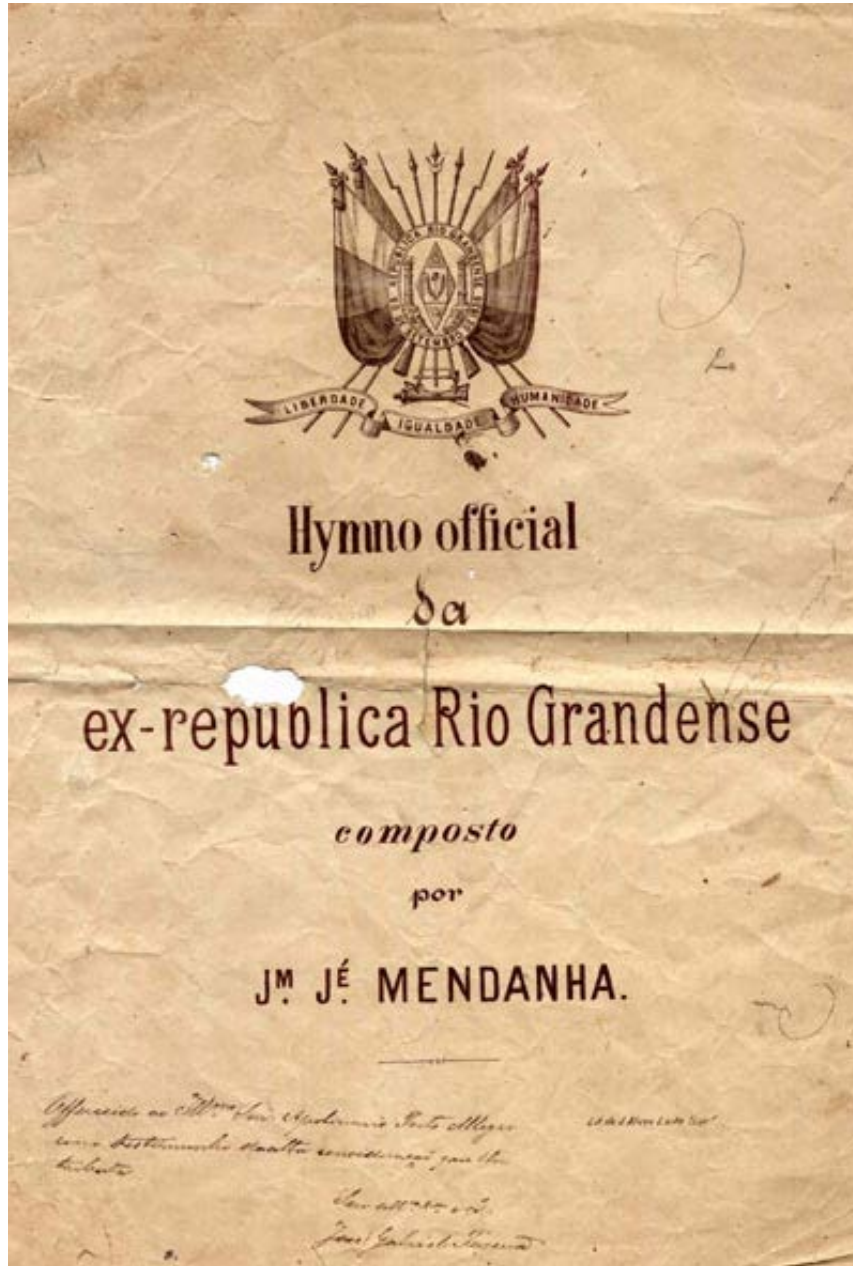




Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

## Música e Letra do Hino da República Rio-Grandense



Escrito por simples  
reminiscência por  
José Gabriel Texeira

AP. 6

# Hymno official da ex-republica Rio-Grandense.

Composto por J. MENDANHA

**Allegro Marcial**

PIANO.

Voz

Coro

*ff* *p* *ff* *f*

*1<sup>o</sup> tempo* *Coda*

*D.C. 8* *FIM*

# O hino rio-grandense, <sup>8</sup> uma arma de 150 anos

PÁGINAS 6 e 7

ZH/Caderno D — 24.01.88 — Página 7

## F. RIOGRANDENSE DE MACEDO

Especial para o Caderno D

Neste ano comemora-se o sesquicentenário do Hino Rio-grandense que, sendo tocado e cantado em determinadas festividades, despertará alguma curiosidade aos que souberem do evento. Certos aspectos de sua história têm interesse especial: a circunstância em que foi criado, as letras que lhe foram escritas, o processo de escolha de uma delas e, finalmente, os azares a que ficaram sujeitos os símbolos de uma revolução perdida.

A composição do hino está ligada ao grande combate de 30 de abril de 1838, em Rio Pardo, no qual os legalistas sofreram a maior derrota naquela revolução. Foi a maior vitória dos republicanos contra uma força estimada entre 1600 a 1800 homens, das três armas, sob o comando do general-em-chefe Sebastião Barreto Pereira Pinto. Para facilitar, passemos a palavra a um dos participantes (legalista) da luta: "De madrugada estava o exército legal colocado em diversas posições à espera do inimigo, os batalhões fracionados em diversos pontos, contra toda a tática militar..." (João Baptista Rodrigues Pereira, Revista IHG, 1928, p. 73). A primeira derrota foi da cavalaria, logo debandada pelos farroupilhas; a segunda foi da artilharia, logo tomada pelo coronel Manoel de Macedo Brum da Silveira (bisavô do autor destas linhas). Sobraram algumas unidades de infantaria, dispersas pelo território, comandadas pelos coronéis Turvo e Procópio. O comandante-em-chefe, já citado, com Andrade Neves e poucos mais dirigiram-se para o porto, de onde conseguiram escapar em um lanchão a vela, "deixando sacrificados centenas de cidadãos, para eles escaparem". Os rebeldes ainda apreenderam duas carretas e se dirigiram para a praça frente à igreja do Rosário, de onde, após ouvirem ruído de combate distante, marcharam para a ponte (no outro lado da rua principal), "para atacar o inimigo que estava se fazendo forte em tal lugar". (Rev. IHG p. 366.)

## Mendanha e os músicos

Foi próximo desta ponte a conclusão do chamado Combate do Barro Vermelho. Dominado aquele corpo de infantaria, o tenente que o comandava entregou-se com os soldados ao chefe farroupilha, Domingos Crescêncio, que logo perguntou "onde estava o Mendanha com os músicos", e o oficial respondeu que eles estavam "em uma casa imediata à ponte". "Pois que apareçam que serão tratados como prisioneiros." Havia mato na margem do Rio Pardo e seus músicos tinham se ausentado neles, porém vieram logo, "faltando apenas uma figura", como disse Mendanha.

A apreensão da banda, feita pelo capitão Delfino, não pesava apenas como mais uma parcela de prisioneiros e parece que seus componentes não foram realmente tratados como tal, pois quatro dias depois, do Quartel-General de Rio Pardo, escrevia Antonio Neto a Bento Gonçalves: "Fizemos presa de uma rica banda de música, que felizmente ficou intacta..."

A gentileza com que no momento do combate foi requisitada a banda e mais tarde o entusiasmo da comunicação de Souza Neto deixam entrever a intenção dos vencedores. Os republicanos com a banda dos "corcundas" iam fazer seu hino, que seria tocado pela primeira vez em um baile seis ou sete dias depois daquele combate.

# Um símbolo que faz 150 anos



Casa dos Ministérios em Caçapava onde foi tocado o Hino da República Rio-grandense no seu primeiro aniversário em maio de 1839 (a segunda letra)

## As três letras

### 1. A original

Ide Serafim J. de Alencastro

No horizonte Rio-Grandense  
Se divisa a divindade  
Estaiada em prazer  
Dando vivas à liberdade.

Coro

Da gostosa liberdade  
Brilha entre nós o clarão;  
Da constância e da coragem  
Eis aí o galardão.

Avante oh! povo briso  
Nunca mais retrogradar  
Porque atrás fica o abismo  
Que ameaça vos tragar.

Da gostosa liberdade  
etc., etc.

Naive o vinte de setembro  
Dia grato e soberano  
Dos heróis continentistas  
Ao povo republicano.

Coro

Naive oh! dia venturoso  
Nascho trinta de abril  
Que os corações patriotas  
Enche de gostos mil.

Coro

### 2. A verdadeira

(publicada em O Povo de  
4 de maio de 1839)

Nobre povo rio-grandense  
Povo de heróis, povo bravo  
Conquistaste a independência  
Nunca mais serás escravo.

Coro

Da gostosa liberdade  
Brilha entre nós o clarão  
Da constância e da coragem  
Eis aqui o galardão.

Avante oh! povo briso  
Nunca mais retrogradar  
Porque atrás fica o inferno  
Que vos há de sepultar.

Da gostosa liberdade  
etc., etc.

O majestoso progresso  
É preceito divino  
Não tem melhor garantia  
Nossa ordem social.

Da gostosa liberdade  
etc., etc.

O mundo que nos contempla  
Que pesa nossas ações,  
Bendirá nossos esforços  
Cantará nossos braços.

Da gostosa liberdade  
etc., etc.

### 3. A adotada

Ide Francisco Pinto da  
Fontoura, o Chiquinho da Vovô

Como a aurora precursora  
Do farol da divindade  
Foi o vinte de setembro  
Precursor da liberdade.

Coro

Mostremos valor, constância  
Nesta ímpia, injusta guerra  
Sirvam as nossas façanhas  
De modelo a toda terra.

Entre nós reviva Atenas  
Para assombro dos tiranos.  
Sejamos gregos na glória  
E na virtude, romanos.

Mostremos valor, constância  
etc., etc.

Mas não basta p'ra ser livres  
Ser forte, aguerrido e bravo;  
Povo que não tem virtude  
Acaba por ser escravo.

Mostremos valor, constância  
etc., etc.



Joaquim José de Mendanha (1800-1885)